

BEM-ESTAR ANIMAL AJUDA A MODERNIZAR A PECUÁRIA

A modernização da agropecuária amplia sua área de abrangência em função de consumidores mais conscientes e exigentes sobre os processos que incidem sobre a cadeia produtiva até a qualidade do produto a ser consumido.

O bem-estar animal reflete esta nova demanda das sociedades modernas, assumindo contexto e dimensão mundiais. Iniciativas em diversos níveis vêm sendo criadas para posicionar esse tema como estratégico para a produção de alimentos à base de proteína animal.

O Comitê de Segurança Alimentar Mundial das Nações Unidas (CFS/ONU) aprovou uma política inédita de recomendações relacionadas ao bem-estar dos animais em outubro de 2016. Ela se respalda na crescente preocupação dos consumidores a respeito de como são tratados os animais para o consumo, fato que não é um fenômeno novo, e que começou a ser evidenciado a partir do livro da inglesa Ruth Harrison, “Máquinas Animais”, publicado em 1964, que possibilitou ao público compreender como eram tratados os animais.

Em 1967, foi editada a Declaração Universal de Bem-Estar Animal, onde constam as “Cinco Liberdades”, as quais são aceitas hoje como descrição geral de bem-estar animal: i) livres de fome, sede e desnutrição; ii) livres de desconforto; iii) livres de dor, ferimentos e doenças; iv) livres para expressar seu comportamento; v) livres de medo e estresse. Estas liberdades estão relacionadas com aspectos nutricionais, ambientais, sanitários, comportamentais e psicológicos dos animais, respectivamente.

A aplicação destes princípios possibilitou saltos qualitativos em relação aos sistemas de criação, com adequações do espaço mínimo disponível por animal, dietas balanceadas, sombra em sistemas à campo, embarque com menor estresse etc. A Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) já definiu regras sobre bem-estar animal, e o Brasil aderiu à esses princípios, por ser grande exportador de proteína animal.

É fato que o bem-estar animal acarreta custos ao produtor, mas estudos feitos na União Europeia estiam em média um aumento de custo da ordem 2% no sistema de produção. Como o bem-estar animal não é um bem comercializável, ele não carrega um retorno financeiro evidente, o retorno desta prática dar-se-á pelo aumento da produtividade e pelo valor agregado à qualidade do produto.

O Brasil como *big player* do agronegócio mundial tem que se adaptar aos mais altos padrões de bem-estar animal, pois este é um processo inexorável. Essa adoção tende a emanar das barreiras de comércio exterior e também da sociedade brasileira. O importante é que o Brasil caminhe em direção a uma realidade na qual a consideração do bem-estar de animais de produção pode se tornar um triunfo.